

A UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS VISUAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA E COM CRIANÇAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM ESTUDO SOBRE O MÉTODO TEACCH¹

Bruna Cardoso Cancelier²

Jacira Medeiros³

Resumo: Frente à falta de conhecimento sobre a temática do autismo por grande parte dos educadores da educação infantil e como acolher pedagogicamente estas crianças em espaços formais, o presente artigo traz a apresentação e a relevância do uso dos recursos visuais e do método TEACCH para as crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista). Este tem como objetivo identificar as contribuições dos recursos visuais para o desenvolvimento da aprendizagem e a inclusão das crianças com transtorno do espectro autista na educação infantil, a partir dos 3 anos de idade, tendo como método a Estrutura do TEACCH. O estudo do autismo e do método TEACCH foi desenvolvido por embasamentos científicos de notórios autores, entre eles Leon (2016), Leitão (2016) e Ciola e Fonseca (2016). Nele evidenciamos como mediar e planejar por meio dessa estrutura, como também destacamos possibilidades para trabalhar com o TEA a partir dos recursos visuais desse método.

Palavras-chave: Método TEACCH. Autismo. Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O artigo em apreciação está voltado ao estudo do método TEACCH, o qual se faz presente na minha trajetória como profissional da educação, já que há quatro anos trabalho com um menino autista severo, não verbal. Por mais que tenhamos estudos referentes ao autismo, saber qual o melhor método e como mediar situações com uma criança autista incluída na educação infantil ainda é um grande desafio para os educadores e familiares. A educação infantil é a primeira etapa da vida da criança, em espaços formais é nela que são desenvolvidas múltiplas linguagens que contribuem para o desenvolvimento integral do ser humano. Portanto, é muito importante a intervenção acontecer precocemente na educação infantil com a criança

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2021.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: brunaccancelier@hotmail.com.

³ Professora especialista em políticas públicas e educação de surdos pelo Instituto Federal de Santa Catarina. Professora dos cursos de licenciatura da Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. E-mail: Jacira.medeiros@unisul.br.

autista, de forma que atenda às suas necessidades e possibilite o seu desenvolvimento, papel relevante que a educação infantil propõe-se a fazer.

Quando falamos em autismo, é essencial saber que quanto mais cedo as mediações acontecerem com a criança autista, maiores as possibilidades para o seu desenvolvimento, para tanto a educação infantil tem um papel relevante perante a este fato. Desse modo, quais são as contribuições dos recursos visuais para o desenvolvimento da aprendizagem e a inclusão das crianças com TEA na educação infantil, a partir dos 3 anos de idade, tendo como método a Estrutura do TEACCH?

A fim de responder o problema proposto, a metodologia da pesquisa será teórica, focando nos embasamentos científicos, buscando um melhor aprofundamento nos artigos e livros de importantes estudiosos sobre o autismo e do método TEACCH, entre eles, Leon (2016), Leitão (2016) e Fonseca e Ciola (2016).

Delimitamos como objetivos específicos: analisar a utilização de método específico para TEA; averiguar por que o método TEACCH foi escolhido para esta pesquisa; evidenciar a necessidade da utilização dos recursos visuais para o desenvolvimento e a inclusão das crianças com TEA na educação infantil; e mostrar a importância dos educadores terem este conhecimento.

Para o desenvolvimento deste artigo, será dividido em seis tópicos, de modo que no primeiro abordamos o autismo, educação infantil e a relevância de método específico. No segundo tópico, trazemos sobre a aprendizagem das crianças com TEA e no terceiro apresentamos o método TEACCH. O quarto refere-se a importância dos recursos visuais e a inclusão no ambiente da educação infantil e o quinto mostra os resultados deste estudo científico.

2 AUTISMO, EDUCAÇÃO INFANTIL E A RELEVÂNCIA DE MÉTODO ESPECÍFICO

O autismo possui muitas condições de “ser”, mas existem características para identificá-lo. Apresentam comprometimentos em três importantes domínios do desenvolvimento humano, que são a dificuldade da comunicação, interação e imaginação. Para Ribeiro *et al.* (2018, p. 4), “[...] por afetar a comunicação verbal e a linguagem não verbal, incluem (expressões faciais, ritmos, gestos, linguagem corporal e modelação na linguagem verbal).”

A educação infantil tem o papel de potencializar as habilidades que as crianças com TEA apresentam. Constatado pela prática, Leitão (2016, p. 11) comprova que “[...] a criança

com TEA, até os cinco anos de idade, vivencia o melhor período de aquisição de habilidades e diminuição de déficits”, por isso, torna-se importante a inclusão precoce na educação infantil, pois os espaços e as diferentes linguagens podem contribuir ricamente com o desenvolvimento do TEA.

A comunicação é uma das habilidades mais importantes do ser humano, neste caso, é considerada como a mais desafiante, visto que é um processo neurológico que pode alcançar cedo, tarde ou não alcançá-la, depende de cada indivíduo e estimulação.

É preocupante quando falamos em autismo e seu desenvolvimento e a criança não se comunica pela linguagem verbal ou não verbal (gestual), o que se torna ainda mais difícil a possibilidade de ela socializar com seus pares.

Essa dificuldade de socializar que os autistas possuem, é pelo fato de ter uma pequena capacidade de imitar e de compreender o outro. Dessa forma, quando um bebê típico nasce, ele costuma olhar diretamente para o rosto dos pais e obter motivação para aprender. Já o bebê autista quando nasce, costuma observar objetos e não o rosto dos pais, isso faz com que tenham um atraso no seu desenvolvimento. (RIBEIRO *et al.*, 2018, p. 5).

Olhar nos olhos é difícil para o TEA, porque é uma maneira de diminuir uma estimulação excessiva, que prejudica em reconhecer as emoções faciais, o ponto de vista do outro, assimilar diferentes contextos e situações sociais. Assim sendo, quando o educador mediar a criança autista, precisa abaixar-se e olhar nos olhos a fim de estimular e aumentar o contato visual, para acontecer a interação, imitação e o desenvolver de variadas habilidades que são construídas por este contato. É normal a criança autista ignorar quando o educador estiver falando, porém é papel do mesmo identificar qual a melhor forma para apreender sua atenção. Também possuem o hiperfoco, ou seja, refere-se à criança autista focar apenas em um objeto, em uma música, entre outros.

Existem alternativas para minimizar essas fragilidades, mas para que isso aconteça, é necessário identificar um método específico que venha ao encontro da criança autista que está incluída nos espaços da educação infantil.

Acreditamos que a inclusão não significa apenas colocar o indivíduo com deficiência na instituição, todavia que o processo exige criar condições para que esse, assim como os demais, consiga desenvolver as suas potencialidades físicas e intelectuais, afetivas e psicológicas.

Outras condições que podem estar relacionadas com TEA são as dificuldades de mudanças de rotinas, são mais sensíveis com a audição e com o excesso de informações visuais

e, na maioria das vezes, a criança tem rejeição em permanecer em um devido lugar por esses motivos. Temple Grandin, mulher autista americana, que perseverou, lutou e aprendeu a viver na condição de ser autista, no seu filme, diz que, “A maioria dos autistas é muito sensível a sons e cores, muita estimulação machuca. Se todas as pessoas falam ao mesmo tempo, entramos em pânico.” (TEMPLE GRANDIN, 2010).

Existe uma base que norteia todo o desenvolvimento corporal, cognitivo e intelectual, norteado pelo sistema nervoso central que são compostos pelos sistemas tátil, vestibular, proprioceptivo, sensorial, sensorial motor e percepção motora.

Todo ser humano precisa do sistema nervoso central para se desenvolver, conseguir sentir o próprio corpo, concentrar-se, organizar as diferentes sensações como cheiros, cores, sons entre outros. Porém, na maioria dos TEA, possuem desordens sensoriais, que significa uma defasagem no sistema nervoso central, então, a criança que possui esta desordem, de acordo com o Instituto NeuroSaber, manifesta-se por,

Intolerância a texturas e certas roupas [...] ruídos ou barulhos altos [...]; Texturas e cores dos alimentos. [...] Dificuldade em usar habilidades motoras finas, [...]. Dificuldade com mudanças ou transições. Embora todas as crianças pequenas precisam de tempo de transição, uma criança com transtorno sensorial pode ter mais dificuldade para mudar de atividade, cômodo, casa ou escola. [...] Esbarrar em coisas ou nas pessoas. [...] As pessoas com alterações sensoriais podem ter dificuldade em localizar seus corpos no espaço. (INSTITUTO NEUROSABER, 2020).

Além das desordens sensoriais citadas acima, em algumas crianças autistas pode haver alterações no sono, dificuldade em dar função aos objetos, variação de humor e estereotipias para sentir seu corpo, pois alguns autistas necessitam dessas para ter a percepção e auto-organizar-se.

Estereotipias são comportamentos motores ou verbais repetidos e podem possuir múltiplas funções. As causas também são diversas, uma criança pode produzir estereotipias quando está [...] ociosa, ansiosa ou desregulada sensorialmente. Dessa forma, ela produz comportamentos com o objetivo de se autorregular. Por outro lado, alguns comportamentos estereotipados acontecem devido à uma busca sensorial, ou seja, a criança gosta da sensação de um determinado movimento e começa a repeti-lo, buscando se saciar sensorialmente. Crianças com autismo são frequentemente estigmatizadas por produzirem esses movimentos, por isso é preciso conscientizar as pessoas sobre as características neurodiversas do ser humano, promovendo a inclusão e a aceitação das diversas manifestações de ser no mundo. Mas, ao mesmo tempo, é preciso analisar quando as estereotipias começam a atrapalhar o desenvolvimento infantil. Ao produzir uma estereotipia a criança deixa de observar o contexto, o que diminui suas oportunidades de aprendizagem e prejudica sua socialização e integração [...]. Assim, uma forma de auxiliar nesses contextos é ampliar o repertório comportamental da criança para que ela encontre outros caminhos para se autorregular e se estimular. Uma estratégia é realizar rotinas sociais sensoriais para ensinar novos comportamentos, por exemplo, brincar de correr, jogar a criança para cima, brincar de

dar apertinhos, brincar de balançar a criança e outras [...]. Esses exercícios podem gerar o estímulo sensorial necessário, serem divertidos e, ao mesmo tempo, promoverem a aprendizagem. Dessa forma, o aumento do repertório sensório motor da criança auxilia na diminuição de algumas estereotipias que antes estavam atrapalhando o desenvolvimento e impulsionam o aprendizado através de novos comportamentos! (INSTITUTO FAROL, 2020).

Portanto, para a criança autista regular, o sistema nervoso central necessita da imediata intervenção por meio da integração sensorial, mediada apenas por um profissional que possua esta certificação, papel que é feito pelas Terapeutas Ocupacionais (T.O.). Porém a educação infantil poderá contribuir por intermédio da estimulação sensorial, deixando claro que não será igual a intervenção do profissional que possui a certificação da integração, pois possuem formação específica, diferente da formação do educador. Mas, vale ressaltar que, poderá auxiliar através dos diversos materiais e brincadeiras que estimulem todo o sistema nervoso central.

A educação infantil possui aberturas e possibilidades para contribuir com as estimulações, não é só as crianças autistas que precisam, mas todas, contudo torna-se compreensível que elas necessitem de mais estímulos. Além do mais, o educador pode utilizar dos momentos para suceder a inclusão com os eixos norteadores da educação infantil, que são a brincadeira e a interação. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009 – Art. 9º,

[...] I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; II - favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e [...] as formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; IV - recriem, em contextos significativos para as crianças, relações [...] espaço temporais; V - ampliem a confiança e a participação das crianças [...] individuais e coletivas; VI - possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; VII - possibilitem vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais, que alarguem seus padrões de referência e de identidades no diálogo e reconhecimento da diversidade; VIII - incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza; [...]

É desafiador para a criança autista quando não percebe as funções básicas, as relações espaço temporais que são condições que o próprio corpo compreende por meio da brincadeira, visto que não se pode separar o corpo da mente, precisam caminhar juntos e a educação infantil é a base que contribui ao longo da vida das crianças para obter um desenvolvimento integral, sendo assim, quanto mais cedo a criança autista for mediada, mais fácil será para desenvolver o cognitivo e o intelectual.

Possibilitar aos pequenos o desenvolvimento de seu pensamento, o domínio das ações sensoriais em ação com os objetivos do mundo que os rodeia, desenvolvimento fundamental para todas as suas aquisições posteriores e formações cognitivas e intelectuais. (ROCHA, 1999, 2001; CERISARA, 1998; HURTADO, 2001 *apud* FLORIANÓPOLIS, 2010, p. 17).

Se essas condições mencionadas não estiverem organizadas no sistema sensorial, os comportamentos indesejados aparecerão como choros, gritos, birras, agressividade, ansiedade, estereotípias e resistências. A criança estará desregulada e a única forma para manifestar, será por esses. Deste modo, é necessário identificar se a criança possui a desordem sensorial para intervir o quanto antes, pois também está relacionada em diminuir os problemas comportamentais, visto que é uma das dificuldades que as crianças, os familiares e educadores vivenciam.

Esses domínios são essenciais para o ser humano evoluir, por isso, é um processo longo e contínuo para a criança autista desenvolver.

Na maioria dos casos, a assimilação das crianças autistas acontece visualmente. Elas tem dificuldades em relacionar o abstrato com o concreto. Por exemplo, na educação infantil,

[...] a criança tem um número bem extenso de atividades que deve realizar. Ela brinca, pinta, ouve músicas, dorme, come. [...] a criança típica tem flexibilidade no pensamento e boas habilidades de compressão e expressão, ela vai acompanhando essas mudanças, adaptando o seu comportamento sem maiores dificuldades. (LEON, 2016, p. 26).

A criança atípica com TEA terá dificuldades para acompanhar toda essa movimentação, manifestando-se por meio dos comportamentos inadequados. Como vimos, isso acontece porque a falta de imaginação é um dos obstáculos. Leon (2016, p. 19) explica que é, “[...] déficit importante na capacidade de aprendizagem implícita, ou seja, de perceber e se dar conta de coisas que não são mostradas explicitamente; [...] apresenta dificuldades em sequência, planejamento e memória de trabalho.”

Os educadores e os familiares necessitam entender como funciona o cognitivo e a aprendizagem da criança com TEA para intervirem. É necessário identificar métodos que tracem objetivos e metas. Não é algo fácil descobrir um método que seja eficaz, mas o primeiro passo é conhecer o que é o autismo, a individualidade de cada criança autista, como ela aprende, suas fragilidades e, principalmente, habilidades para enriquecer o seu desenvolvimento.

Para tanto, há métodos específicos que são o ABA, PECS, TEACCH e o Denver. Cada um possui objetivos e características específicas. O ABA é mais comportamental, conhecido

como Análise do Comportamento Aplicado; o PECS é um sistema para comunicação alternativa e aumentativa por trocas de figuras; o TEACCH menciona os recursos visuais que são identificados como “[...] imagens, fotos ou figuras, para contextualizar ou fornecer o significado da palavra alvo; e aspectos gráficos como as cores, o sublinhado e o negrito para dar destaque ao verbal ou para o ensino da pronúncia” (PROCÓPIO; SOUZA, 2007, p. 142). Ele está fundamentado em pressupostos da psicologia linguística, da teoria comportamental e da psicopedagogia. O Denver tem como objetivo que as crianças aprendam por meio de jogos, sem deixar de lado os princípios da ciência da análise aplicada ao comportamento.

Brevemente, esses são os métodos que possuem comprovações científicas e se mostram eficazes. Evidenciamos que crianças com autismo necessitam de mediações precoces e métodos eficazes recorrente a individualidade de cada um, desse modo, é preciso analisar cada criança e estudar minuciosamente os métodos. Segundo Cruz (2002 *apud* SILVA, 2011, p. 55) “[...] é necessário a utilização de métodos especiais, [...] para o desenvolvimento de processos e funções básicas para a aprendizagem.”

Neste tópico, ressaltamos a importância dos métodos específicos e algumas características dos mesmos para a intervenção junto à criança autista, no entanto, para o uso daqueles mencionados, para diminuir as fragilidades, é primordial muito estudo e dedicação. Cada autista é único, mesmo as características entrelaçando-se entre eles, possuem suas individualidades e métodos peculiares para abranger cada indivíduo.

3 APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM TEA

Algumas crianças com TEA possuem resistência ao aprendizado e desmotivação, assim, segundo Fonseca e Ciola (2016, p. 24), “[...] devido à sua dificuldade de relacionamento interpessoal e entendimento das regras sociais pode não ter motivação, [...] podendo transparecer que há resistências ao aprendizado.” Portanto, para mover a motivação, impulsionar a aprendizagem e o desenvolvimento, é primordial planejar propostas e ambientes pensados nas especificidades de como cada criança autista aprende.

Considerando que o autismo faz com que a criança aprenda de uma maneira peculiar, **torna-se lógica a ideia de que seus materiais e os procedimentos de ensino sejam também diferenciados.** [...] As mudanças estarão **na forma de apresentação da [...] proposta [...] para a diversidade.**” (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 74, grifos das autoras).

Faz-se imprescindível o educador ter a concepção de que quando mediamos com a criança autista na educação infantil, é preciso ter novos conhecimentos, novas experiências e novas metodologias embasadas cientificamente.

Sempre que se menciona sobre a aprendizagem das crianças com TEA, antes de tudo, o educador necessita conhecer a individualidade da criança e a família, para intervir por meio do planejamento diferenciado focando nas reais necessidades da criança, tendo sempre um olhar além do que já está proposto nos ambientes da educação infantil, contribuindo, deste modo, com as diversas linguagens, formas de expressões e leituras do mundo que são abordagens importantes para favorecer a aprendizagem das crianças com TEA.

De acordo com Bruni (2013, p. 78),

Uma boa comunicação entre família e professores amplia o conhecimento das partes sobre o funcionamento da criança em diferentes ambientes. Uma vez que o diagnóstico foi realizado, a informação vinda de pais e professores em conjunto formará um quadro mais preciso das necessidades de aprendizagem de cada criança. Essas informações aumentam as chances de que todos os envolvidos no processo educacional planejem melhor as suas ações e estratégias e ajudem a solucionar muitos conflitos antes que eles se agravem.

A família tem um papel essencial junto ao ambiente educacional, por isso, torna-se vital estarem juntos para alcançar o pleno desenvolvimento da criança.

Mas como será que a criança autista aprende?

No tópico anterior, brevemente, vimos que ela possui fragilidades na comunicação, interação e imaginação. Nesse sentido, este estudo procura evidenciar as habilidades que podem favorecer o desenvolvimento das crianças autistas.

Então, temos [...] fraquezas na cognição em relação à aprendizagem, à atenção, à capacidade de conceituação e de organização em pessoas em TEA. Por outro lado, vimos que, até em função dessas fragilidades, há pontos fortes na cognição de quem apresenta TEA. (LEON, 2016, p. 22).

O imaginar é uma ação implícita, por causa disso, as crianças autistas têm dificuldades em acompanhar o movimento do abstrato para o concreto, logo, é mais fácil entenderem a partir do concreto, que se refere a aprendizagem explícita.

Como há fragilidades na aprendizagem implícita, a aprendizagem explícita é muito forte, ou seja, tudo aquilo que é ensinado de uma maneira explícita, muito clara, muito evidente, colocada sob a forma de regras e rotinas, a criança aprende facilmente. Então, por um lado, temos a dificuldade implícita; por outro, temos a facilidade de aprendizagem explícita, ou seja, por regras e com clareza. (LEON, 2016, p. 22).

Não devemos focar apenas na fragilidade, mas investigar qual é a habilidade da criança. Neste caso, vimos que a aprendizagem explícita é um grande contribuidor neste processo, sendo umas das habilidades do TEA. Então, torna-se primordial pensar em mediações por meio dessa.

Já sabemos que para a criança autista aprender, é necessário ser de forma explícita. Mas por qual meio sobressai esta aprendizagem do TEA?

Essa pergunta pode nortear o pensamento dos educadores, mas a melhor forma para desenvolver a aprendizagem explícita, advém pela informação visual. “Como há dificuldades em aspectos mais simbólicos, mais abstratos, a aprendizagem da criança se dá muito a partir dos aspectos perceptuais e visuais.” (LEON, 2016, p. 23).

As crianças autistas necessitam de uma organização da rotina por meio dos recursos visuais, pensadas em suas individualidades e que tenham momentos de escolhas. Não basta organizar rotinas prontas e acabadas, sem autonomia, que fujam dos contextos sociais das crianças com TEA, essa não é a proposta e nem o objetivo. Deste modo, para Fonseca e Ciola (2016, p. 76), “[...] rotinas são necessárias e fundamentais para a aprendizagem e para o comportamento adequado. Autistas precisam do que lhes é familiar [...]” A rotina ajuda a entender o que está ao seu redor e sentir-se seguro, contudo depende da observação, registro, planejamento flexível, mediação e intenção do educador para coadjuvar com o desenvolvimento.

Desta forma, consideramos importante atentar para a organização da rotina (na demarcação de tempos, espaços e atividades), para a dinâmica do trabalho pedagógico encaminhado pela professora (incluindo as formas de interação, a individualidade das crianças, a constituição dos grupos) e para as modalidades de planejamento utilizadas. (OSTETTO, 2014, p. 3).

Essa organização favorece a aprendizagem e o desenvolvimento, porque entendem o que vão realizar, conseguem regular aquele comportamento indesejado e participam das propostas planejadas que possibilita a inclusão e interação com os pares na educação infantil.

Isto explica que eles compreendem concretamente o que é **visto** com mais facilidade do que é **ouvido**. Explicando melhor, as dicas auditivas são fluentes, elas “aparecem” e, em seguida, “somem” do repertório do autista, são transitórias. As informações auditivas podem desaparecer antes de [...] terem chance suficiente de prestar atenção no que foi dito. Eles podem perder grande parte da informação passada e interpretar somente fragmentos da mensagem ou da ordem. São pessoas que pensam concretamente, o que os ajuda a compreender que o mundo tem sentido. (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 75, grifos das autoras).

As crianças com TEA possuem capacidade para desenvolver e mostram que uma das habilidades é aprender por meio da aprendizagem explícita, precisa estar claro e evidente. Outro importante destaque para contribuir com a aprendizagem, é o ambiente neutro.

Vamos direcionar a atenção para informações mais importantes. Assim, vamos procurar minimizar os estímulos do ambiente, seja um ambiente clínico, seja um ambiente escolar, seja um ambiente da casa, seja um ambiente do quarto. Vamos procurar minimizar os estímulos focando a atenção naquilo que é importante, ajudando pessoas com TEA a focar a atenção naquilo que é relevante para seu maior desenvolvimento psicológico e pessoal. (LEON, 2016, p. 24).

As crianças com TEA são bastante visuais e esse aspecto tem um lado favorável e outro desfavorável. O favorável é que contribui com a aprendizagem explícita por meio dos recursos visuais. O desfavorável se manifesta ao ambiente com abundante informação, que prejudica tanto como a aprendizagem implícita, pois a criança terá dificuldade em centrar no que está sendo proposto a ela e seu pensamento fica confuso ao extremo. Portanto, para acontecer a aprendizagem significativa, é necessário ajustar o ambiente para ser neutro, com o objetivo de chamar atenção apenas para o que é importante.

Geralmente, os ambientes da educação infantil, que conhecemos, possuem muitas informações visuais, por exemplo: painéis decorativos, diversas cores, alfabeto, atividades das crianças, entre outros. O intuito deste artigo não é refutar essa organização, mas propor uma indagação. No tópico anterior sobre o autismo, vimos um pouco das fragilidades que as crianças autistas enfrentam, uma delas mencionada foi o excesso de informações visuais.

Referente à imagem a seguir, retirada De Moretti (2019), como será que a criança com TEA, que tem dificuldades perante o excesso de informações visuais, comportar-se-ia perante este ambiente?

Figura 1 - Ambiente da Educação Infantil



Fonte: Moretti, 2019.

É visível que fica difícil para uma criança autista organizar-se, concentrar-se em meio a tantas informações visuais.

Faz-se necessário estruturar os espaços nos ambientes da educação infantil de acordo com as condições individuais da criança com TEA, pois ambientes com excessos de informações, além de dificultar a concentração e a aprendizagem, gera e incentiva comportamentos inadequados.

Este tópico apontou as potencialidades na aprendizagem da criança com TEA, que necessita de apoios visuais com funções sociais, rotinas estabelecidas, organização do planejamento e ambientes neutros com objetivos claros. Assim, vemos a necessidade de os educadores compreenderem como a criança autista aprende, para identificar os melhores métodos e a organização que potencializa a aprendizagem e o desenvolvimento de cada uma.

4 MÉTODO TEACCH

Este método tem origem nos Estados Unidos e no Brasil possui poucas referências, no entanto utilizaremos três autores que se destacam em relação a ele aqui no Brasil, quais sejam Leon (2016) e Fonseca e Ciola (2016).

Para as crianças autistas apropriarem-se do conhecimento de forma explícita, o método TEACCH contribui para desenvolver o pensamento de forma que assimile as situações cotidianas por meio de recursos visuais baseados no método, visto que é uma condição difícil para os TEA. Para Leon (2016, p. 8, grifos da autora):

O significado da sigla TEACCH®, em Português, é Tratamento e Educação para Crianças com Autismo ou Desordens Relacionadas à Comunicação. Trata-se de um trabalho predominantemente ligado à prática psicopedagógica, que busca observar os comportamentos das crianças autistas em diversas situações, frente a distintos estímulos e, com isso, desenvolver estratégias de intervenção. [...] completou, em julho do ano passado, 40 anos de existência.

Tratamento é uma das palavras que significam TEACCH, porém discordamos quando se evidencia esse, pois, para nós, denota que o autismo é uma condição médica passível de cura, no entanto sabemos que o autismo é uma condição de ser, não há medicamentos que vão curar o autismo, apenas minimizar as condições que prejudicam para desenvolver-se socialmente. No filme da Temple Grandin, em uma das partes, perguntam para ela: “Como você foi curada?” e ela responde: “Eu não estou curada, sempre serei autista.” (TEMPLE GRANDIN, 2010).

Por isso, evidenciamos que as melhores palavras para mencionar sobre o autismo são intervenção, mediação, estimulação ou abordagem, porque o autismo não será “curado”, apenas mediado para que a criança tenha condições para desenvolver-se com base nas suas individualidades.

Esse método possui certificações científicas comprovadas, todavia retém preocupação na formação dos profissionais, pois, segundo Leon (2016, p. 8),

[...] não só no Brasil, mas também em todo o mundo, há profissionais que recebem uma qualificação muito reduzida e acabam por aplicar os princípios do método de uma maneira equivocada, não gerando assim, o resultado esperado em seu público-alvo, o que é a grande preocupação da Universidade da Carolina do Norte: primar por excelência, primar por qualidade no atendimento das crianças que apresentam esse tipo de necessidade especial. Por esse motivo, desde julho do ano de 2014, há o Programa de Certificação, a fim de melhorar a qualificação dos profissionais que atuam nesses setores [...]

Para mediar com base nesse método, é necessário uma formação específica e de qualidade, já que é preciso conhecê-lo para a intervenção acontecer com propriedade e haver grandes resultados. Isso depende de muito estudo e dedicação para o educador municiar-se de conhecimento acerca da abordagem do método.

O TEACCH tem nos mostrado, nesses 40 anos, que toda criança com TEA, se atendida precoce e adequadamente, tem muitas chances de desenvolvimento e de poder contribuir com a nossa sociedade, com a nossa comunidade, tornando-se um adulto produtivo e independente. É essa a grande mensagem que o TEACCH® nos deixa: “Intervenção adequada, intervenção precoce, promoção da independência, [...] da produtividade, [...] de saúde. (LEON, 2016, p. 20).

Portanto, salientamos que este breve artigo não é suficiente para a utilização do método, é apenas uma amostra, salientando os seus benefícios, como funciona e se possível, identificar na criança a necessidade da intervenção por meio do mesmo para o educador realizar uma especialização mais precisa.

O TEACCH é um método que possui olhares cautelosos para a criança autista, por meio das suas singularidades e capacidades. Visa cooperar o desenvolvimento precoce, com o desempenho e as capacidades cognitivas e adaptativas para que tenha autonomia ao longo da vida.

4.1 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças autistas necessitam da presença dos educadores e familiares de forma significativa para contribuir com o método TEACCH e possibilitar o seu desenvolvimento por meio da aprendizagem estruturada com ambientes organizados na educação infantil.

Neste subtópico, abordaremos algumas contribuições para os educadores sobre como funciona a organização e a estrutura do método TEACCH.

Quando iniciar a mediação, é interessante começar pelos recursos visuais, pelas rotinas. As rotinas, neste caso, como já mencionado, não se refere ao que está pronto e acabado, mas todo dia conter uma sequência com os recursos visuais de qualquer momento que a criança for realizar. Por isso, é necessário conhecer bem as individualidades de cada um, pois precisa planejar um repertório de recursos visuais para cada ocasião.

Na educação infantil, no momento do [...] soninho, a professora afasta a mesa, coloca os colchonetes no chão, e todo mundo deita. As crianças neurotípicas se adaptam. Acabou [...] soninho, e a professora enrola os colchonetes, coloca de novo a mesa no centro da sala, e ali mesmo se faz o lanche; acabou o lanche, a professora apresenta o material de pintura, e ali se faz a pintura; observamos que as crianças conseguem acompanhar muito bem, sem nenhum problema. (LEON, 2016, p. 26).

Porém, na maioria das crianças com TEA, pode gerar conflitos em acompanhar toda essa organização, gerando ansiedade e problemas comportamentais, porque o pensamento fica muito confuso, começam a ficar irritadas, pois não entendem o que está acontecendo. “A

manifestação dessa dificuldade pode se dar por problemas comportamentais, como aumento de estereotípias, gritos, tapas, destruição de objetos ou resistências em permanecer ou trocar de lugar ou atividade” (LEON, 2016, p. 26).

Em consequência, tem a importância da utilização de rotinas estabelecidas pelo método TEACCH, baseado nos recursos visuais para antecipar a criança autista, ressaltando na sequência do que vem antes e depois, sendo que, com este recurso, o cognitivo amplia-se em vários aspectos, do comportamento, da espera, autonomia, generalização, interpretação das imagens, formas de comunicações, entre outros. Esses aspectos são difíceis para o TEA, portanto, quando se inicia na educação infantil, contribui de forma significativa para o seu desenvolvimento que vai se dando de forma progressiva.

Assim, se quisermos ampliar a compreensão que a criança tem e viabilizar sua autonomia, precisamos utilizar o ambiente físico, ou seja, a estrutura física com pistas sinalizadoras, no sentido de ela poder visualizar o ambiente e buscar nele recursos para que entenda o que vai fazer naquele determinado momento e local: é hora do lanche, então a mesinha do lanche é separada da mesa de trabalho; na hora de música, vamos colocar um tapete no chão. Essas pistas ajudam a criança a entender por que, em determinado momento, ela pode fazer barulho (por exemplo, na hora de música) [...] a organização de áreas claramente definidas sobre o que ela deve realizar é de grande auxílio. (LEON, 2016, p. 27).

O espaço da educação infantil possibilita fazer certas adaptações, separar os espaços, conforme a proposta a ser desenvolvida, o que facilita a organização da criança com TEA.

[...] Por exemplo, na mesinha de artes, temos a cestinha com o material de artes que vai ser utilizado; essa mesinha de artes está separada das demais mobílias [...]. O espaço para o círculo, que é o espaço de ouvir músicas, tem um tapete com as cadeiras ao redor; enfim, muitas pistas concretas ajudam a criança a se situar a respeito do que vai ter que realizar. [...] (LEON, 2016, p. 29).

A organização dos espaços contribui com a concentração da criança autista, propicia ficar mais atenta quando o grupo de crianças são reduzidos. “A organização do ambiente em cantos é um bom caminho para incentivar o trabalho em subgrupos compostos por poucas crianças. [...]” (LOPES; MENDES; FARIA, 2006, p. 74).

Na Educação Infantil, em Reggio Emilia, utilizam esta organização com as crianças neurotípicas, mas podemos inserir com as atípicas. Na Itália, é nomeada de ateliês de trabalho que são “[...] atividades diversificadas, cantos-ambiente, que podem ser montados nas salas de Educação Infantil – ou mesmo salas-ambiente –, como facilitadores da integração entre as crianças e delas com a cultura e o conhecimento.” (MALAGUZZI, 1999 *apud* LOPES; MENDES; FARIA, 2006, p. 74).

A educação infantil italiana é uma grande referência para a educação brasileira, logo, encontrar metodologias que contribuam com todas as crianças, independente das fragilidades, é enriquecedor.

Os ateliês de trabalho são espaços específicos, preparados para que as crianças trabalhem com os mais diferentes materiais e façam experiências e descobertas utilizando as mais diferentes linguagens. Esse tipo de valorização, de um espaço específico para essas atividades, tem origem na Pedagogia de Freinet. Recentemente, fazem parte da estrutura das escolas de Educação Infantil italianas, na cidade de Reggio Emilia. (MALAGUZZI, 1999 *apud* LOPES; MENDES; FARIA, 2006, p. 74).

Com este conhecimento, podemos pensar propostas a partir das individualidades para serem trabalhadas ao mesmo tempo, mas por grupos e com materiais diferentes. Essa organização baseia-se do planejamento flexível, que dá voz as crianças autistas, pois, através dos recursos visuais e das sinalizações claras das separações dos ambientes, elas poderão escolher o que desejam naquele momento, independente do que as outras crianças forem realizar.

Por exemplo, podemos separar as propostas com sinalizações evidentes das linguagens plásticas, linguagens corporais, estimulação sensorial, entre infinitas possibilidades. As sinalizações precisam ser observadas por meio das particularidades de cada criança autista para a organização fazer sentido e não provocar desordem sensorial. Assim,

[...] alguns estímulos como brilho, cores, tamanho de letras, textura de papel, tipo de lápis, cheiro da cola etc. podem ser interpretados como um “bombardeio sensorial” e atrapalhar a atenção, interferindo na aprendizagem. Para responder a esse “ataque sensorial”, autistas manifestam diversas formas de expressão, como fechar os olhos, tampar os ouvidos, gritar, lamber objetos, destruir o material, esquivar-se da tarefa entre outros. (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 76).

Por essas questões, é primordial o educador ter um olhar atento para o indivíduo, conhecer as suas fragilidades e, principalmente, habilidades para intervir de uma forma que contribua com a organização do espaço por meio de sinalizadores adequados. Para a criança ter a autonomia da escolha na organização, é necessário a sequência de recursos visuais para ela apontar ou entregá-la ao educador.

[...] organizar [...] qualquer [...] ambiente de ensino para o nível de compreensão [...], preparar materiais com instruções visuais e organizar rotinas podem ser estratégias úteis para diminuir muitas das dificuldades apresentadas, resultando em uma otimização do aprendizado. (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 24).

Para a criança autista estar incluída no ambiente da educação infantil, o ambiente externo e interno precisa estar adaptado conforme as singularidades. Se o objetivo é que a criança com TEA tenha autonomia na escolha, permaneça no ambiente, participe das propostas e dos momentos com inclusão, faz-se necessário o educador ter um olhar detalhista, com o cuidado no excesso dos estímulos visuais e auditivos, pois ela já precisa auto-organizar-se em lugares que possuem variadas crianças. Portanto, é um desafio ter que lidar com isso e com o excesso de estímulos. Torna-se desafiador porque “se perdem em ambiente cuja situação mistura sons, imagens, barulhos, pessoas, cheiros, instruções verbais, gestuais, provocando agitação, perda do foco e condutas disruptivas.” (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 21). Por consequência dessa desorganização, vê-se a importância da estrutura e a organização serem pensadas nas especificidades de cada criança com TEA afim de que cooperem com o desenvolvimento.

Outra área que consideramos importante [...] do TEACCH® é a área denominada sensorial ou relaxante. Essa área tem por objetivo prevenir e atuar na organização de problemas de comportamento. [...] No TEACCH® entendemos que uma forma de lidar com isso é equilibrar as demandas. [...] Alguns exemplos: - uma cabana com livrinhos, em que a criança fique dentro por cinco ou dez minutos [...]; que ela tenha esse momento como um pequeno descanso; - uma poltrona com fones de ouvido para ouvir músicas; - um espaço onde a criança possa [...] brincar com bolinhas de sabão, apertar bolinhas de borracha ou mesmo fazer algum tipo de relaxamento com técnicas específicas. (LEON, 2016, p. 31).

O ideal não é dar demandas que a deixe irritada, essas precisam ser de acordo com o potencial da criança. Além de o educador ter um olhar atento ao planejar, o mesmo precisa saber como mediar as situações do cotidiano. Esta preocupação é relevante, porque os comportamentos impróprios pode tornarem-se frequentes e a criança poderá internalizar o “choro, os gritos” como uma forma de comunicação, por isso o TEACCH defende e preocupa-se para ter um cuidado especial com os comportamentos e prevenir antes que aconteçam.

Algumas vezes mesmo tendo a organização muito bem estruturada, pensada na individualidade, com demandas adequadas, o comportamento indesejado pode manifestar-se, mas será por outro motivo, por exemplo, às vezes, a criança que possui o transtorno sensorial, pode ter variação de humor. Para o educador, essa mudança de comportamento ocorre sem motivos, mas no interior da criança, algo não está regulado. Portanto, o educador precisa observar, registrar para identificar o porquê deste e intervir de acordo com a necessidade.

A estrutura do método TEACCH caminha para, no futuro, por meio da utilização dos recursos visuais, da organização do ambiente, das separações dos materiais, a criança concentrar-se melhor e realizar com autonomia o que foi proposto. As estruturas são pensadas

para contribuir com o desenvolvimento individual. De acordo com Fonseca e Ciola (2016, p. 78):

Ajuda na organização das dificuldades com memória sequencial e organização do tempo; orienta a criança a compreender o que o material espera dela; diminui o nível de ansiedade e, portanto, reduz a possibilidade do aparecimento de comportamentos inadequado; orienta, [...] aumentando a autonomia; ensina conceitos claros e definidos; diminui o bombardeio sensorial advindo de informações muito complexas; ajuda a aumentar a motivação [...]; potencializa as facilidades visuais da pessoa com autismo, aumentando o foco atencional; apresenta os materiais a partir de padrões fixos (em áreas determinadas e direções definidas); oferece consistência e beneficia o processamento cerebral responsável pelas habilidades visuais; [...]

Como vimos, esta estrutura possui vários facilitadores para a aprendizagem, todavia o educador necessita conhecer a criança e identificar como se dá a sua aprendizagem, visto que “Cabe ao educador fazer o mundo ser compreensivo, ajudar o [...] autista a organizar informações; tornar o ilógico, lógico; transformar o “bombardeio sensorial” em algo tolerável. **Estrutura** é, nessa concepção a chave para o sucesso.” (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 78, grifo das autoras).

Para estruturar a separação dos materiais para a criança manusear com autonomia, será feito uma avaliação individualizada para analisar como a criança entende essa separação. “[...] Algumas vezes essas áreas podem ser separadas com fitas coloridas no chão ou com tapetes coloridos. Outras vezes vamos precisar de pequenas divisórias mais concretas para delimitar as áreas. [...]” (LEON, 2016, p. 28).

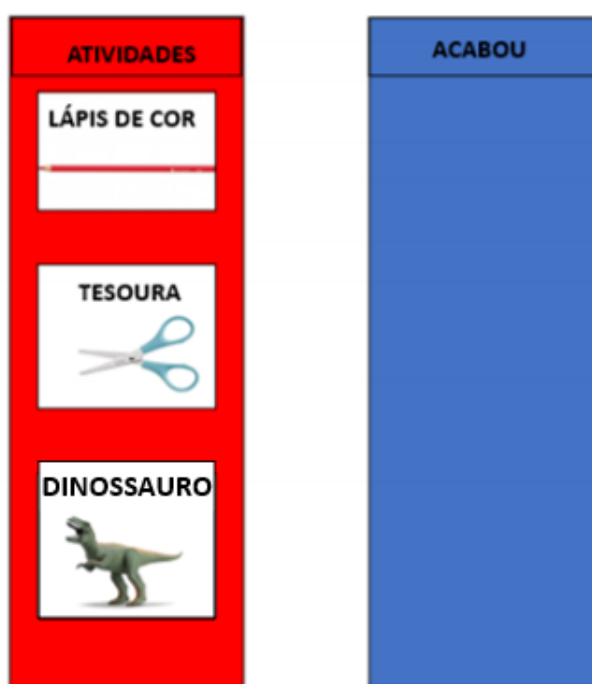
Figura 2 - Separação dos objetos



Fonte: Fonseca e Ciola, 2016.

Esta organização do material é importante no momento que estiver executando uma proposta e conseguir entender o que precisa realizar e auto-organizar-se. Assim sendo, é relevante a utilização da rotina pela sequência de recursos visuais. Na figura acima das separações com caixas, para facilitar a compreensão, o educador poderá criar uma sequência visual do que a criança precisar manusear primeiro.

Figura 3 – Recursos visuais



Fonte: Acervo da autora, 2021.

Se a proposta for à mesa, podemos colocar no lado direito uma tira com velcro das “atividades” e no esquerdo, outra tira com o “acabou”, esta organização é mais fácil para a criança compreender e desenvolver as habilidades que já foram vistas por meio deste recurso. Primeiro a criança pegará o lápis de cor, após utilizar, colocará no acabou, depois a tesoura e, por fim, o dinossauro. De acordo com Fonseca e Ciola (2016, p. 40), “para a criança mais concreta, é mais interessante e funcional mostrar a tira de sequências com apoio visual e ensinar uma coisa de cada vez”. Isso depende do nível de entendimento de cada criança, esta organização da sequência possui quatro tipos básicos para utilizar, que serão mostrados no próximo tópico dos “Recursos visuais”.

4.2 PROPOSTAS LÚDICAS DE MATERIAIS COM RECURSOS VISUAIS

“Os recursos visuais são utilizados de formas distintas, desde a organização do ambiente até a organização da própria atividade.” (LEON, 2016, p. 32). Por exemplo, para uma atividade de montar um quebra-cabeça, para cada peça de madeira, há um espaço demarcando onde precisa encaixar. Esta é uma variável para utilizar os recursos visuais.

Nesta mesa da figura, também poderá ter a sequência demonstrada acima para a criança entender que, neste momento, será esta proposta e dependendo do grau de compreensão, poderá inserir as próximas.

Figura 4 – Quebra-cabeça

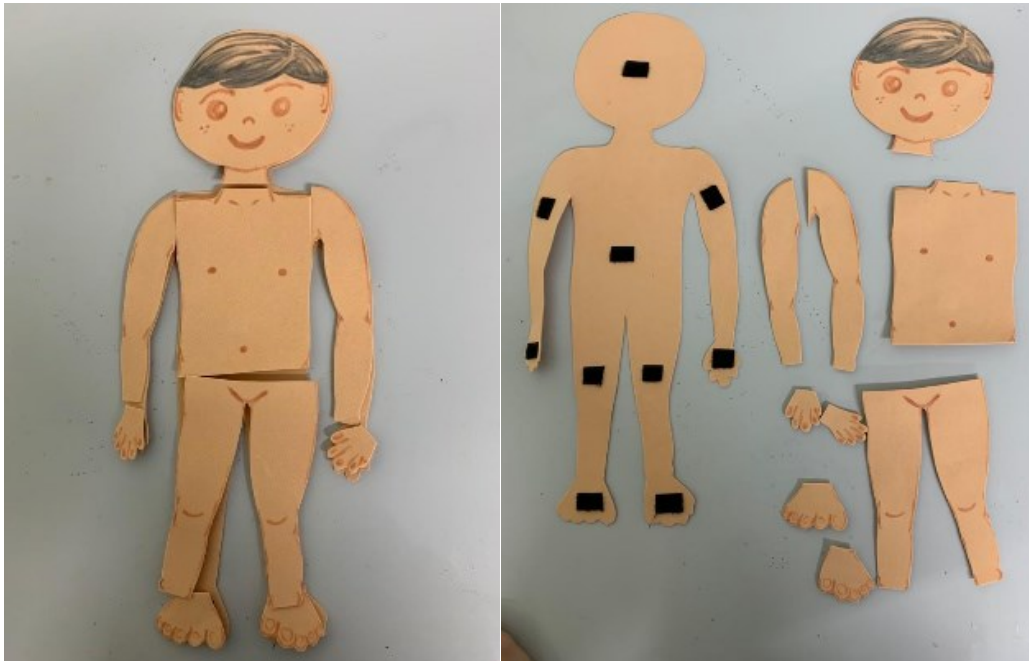


Fonte: Fonseca e Ciola, 2016.

“A base é organizada de forma bem simples, e todas as peças estão em um recipiente, o que favorece o entendimento da criança a respeito do que ela tem que fazer.” (LEON, 2016, p. 33).

Os exemplos abaixo são parecidos com o quebra-cabeça. A criança com TEA tem uma base para seguir, olhando para a proposta, ela percebe que precisa colocar sobre para montar.

Figura 5 – Corpo humano



Fonte: Acervo da autora, 2021⁴.

São exemplos de propostas que a criança entende o que precisa fazer, por isso é importante sempre dar estas pistas para potencializar a motivação e a aprendizagem, visto que quando a criança consegue realizar, ela se sente motivada. A motivação é extremamente relevante para acontecer a aprendizagem e gerar o desenvolvimento, então, é necessário na educação infantil propostas que a elevem.

Uma das propostas frequente na educação infantil são as brincadeiras com as massas de modelar e os legos. Portanto, apresentá-los sem dicas visuais é complexo para as crianças com TEA que aprendem de forma explícita, pois se torna abstrato. Na educação infantil, é necessário dar exemplos, partindo do concreto e que contenha os recursos visuais.

[...] procuramos evitar simplesmente colocar a massa de modelar sobre a mesa da criança. [...] se apresentarmos [...] a criança fará [...] uma exploração muito sensorial: vai colocar na boca, vai ficar cortando em pedacinhos. Por quê? Porque ela não consegue abstrair e imaginar o que poderia fazer com a massinha de modelar. Mas, se apresentarmos pistas em um contexto, como por exemplo, uma folha plastificada com o fundo do mar e forminhas de peixes juntamente com a massinha de modelar, vamos auxiliar a criança a entender como utilizar aquele material. Isso organiza o ato de brincar da criança, dando-lhe função e representação. (LEON, 2016, p. 36).

⁴ Agradecimento à professora Giane Demo pela criação do boneco.

Com o lego, podemos dar um apoio para encaixar as peças o que facilita essa compreensão. Além disso, utilizar os recursos visuais, ampliando o repertório, não indo muito além, pois se a criança não conseguir montar o seu, por meio das referências, ficará frustrada, desmotivada e terá grandes chances para os comportamentos inadequados aparecerem.

A criança autista pode participar da roda de histórias, mas com uma metodologia diferente visto que a leitura por si só é abstrata, mesmo com conteúdo ilustrado, na maioria das vezes, não dão conta, contêm muitas informações. Porém o avental de histórias é uma ideia concreta, conforme o desenrolar da leitura, o educador vai inserindo os personagens ou se precisar de um material mais evidente, tem a opção de plastificar uma folha sulfite com o cenário e os personagens colocados com velcros para a criança mesmo manusear. Mas antes de planejar, é importante identificar qual é o melhor recurso para assimilação da criança.

Nas linguagens plásticas, o desenhar para o TEA também é abstrato, porém existem alternativas. As silhuetas favorecem para adquirir esta habilidade. “É muito diferente apresentar uma atividade de desenho com [...] silhuetas para explicar o que fazer de apresentar uma folha em branco. [...]” (LEON, 2016, p. 35). Esses são alguns exemplos de propostas concretas de materiais com recursos visuais que facilitam para a criança que não tem motivação, obter.

Na educação infantil, a criança autista começa vivenciar o novo, algo que já é difícil para ela, porém, nesse momento, o ideal é planejar momentos fáceis, simples e concretos que a mesma perceba que tenha capacidade e aumente a motivação e o desenvolvimento. “Acreditamos que flexibilizar é fazer com que o pensamento fique menos rígido, é flexibilizar-se diante das circunstâncias, é mudar de rumo, fazer ajustes e estar aberto as mudanças [...]. (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 94).

Para isso acontecer, é necessário o educador “[...] pensar do ponto de vista de uma lógica oposta, a qual [...] a partir do que eles têm e não do que lhes “falta”. Pensar neles como presença e não como falta, como força e não como incapacidade” (KOHAN, 2007 *apud* SIMIANO; BARBOSA, 2018, p. 206).

4.3 AVALIAÇÃO

O método TEACCH é flexível de acordo com a especificidade de cada sujeito e defende a avaliação como ponto inicial de todo o processo.

Podemos, por exemplo, construir um material [...] incrível [...]: visual, concreto, colorido, prático e funcional. Mas, se [...] não está de acordo com o nível de desenvolvimento da criança, ele não vai ser eficaz. Por isso é que, muitas vezes, escuto

este relato: “[...] eu fiz a atividade tal, visual, eu cumpri a rotina, e não funcionou.” O “não funcionou”, muitas vezes acontece justamente porque não houve uma avaliação mais apurada do quadro da criança.” (LEON, 2016, p. 39).

Para utilização do método, necessita de uma avaliação própria do mesmo, que são compostas por dois tipos de avaliações.

As avaliações formais referem-se aos testes padronizados a partir de critérios estatísticos e amostras. [...] São testes que, do ponto de vista psicométrico, são mais sofisticados. Para aplicação [...] é necessária capacitação específica. [...] A avaliação informal é mais dinâmica; não há material pré-definido [...]. São protocolos gerados a partir da observação de grupos clínicos da pesquisa que podem ser aplicados com mais facilidade. Tem o objetivo de fornecer uma avaliação das habilidades do sujeito. (LEON, 2016, p. 40).

A avaliação a ser utilizada não pode ser aleatória, não basta avaliar de acordo com a idade cronológica, porque a criança tem uma idade, mas o cognitivo dela pode ser menos ou mais, não é um parâmetro válido. Deste modo, o método TEACCH possui avaliações específicas com base na sua estrutura. No caso de achar necessário mediar por meio desse, é preciso estudar profundamente o método.

Mesmo tendo que realizar avaliações específicas do método, é importante o educador observar e fazer registros de como a criança manifesta-se, como se dá a aprendizagem, compreensão, concentração, identificar as estereotipias e se tem ansiedade. “É consensual, entre teóricos e pesquisadores da área, a importância da observação, registro e documentação pedagógica no contexto da educação infantil.” (SIMIANO; BARBOSA, 2018, p. 2).

Quando se observa e há registros, o educador consegue analisar os minuciosos detalhes e intervir de uma maneira eficaz, com sentido e significado, levando em conta as singularidades individuais. Com as crianças autistas, a documentação pedagógica torna-se ainda mais rica, pois é uma narrativa de como está o desenvolvimento da criança junto com as interações, “[...] um processo narrativo que sustenta e oferece visibilidade às experiências das crianças.” (SIMIANO, 2016, p. 2). Isso para os pais é enriquecedor, ainda mais quando a criança não é verbal, pois a voz oculta da criança é ouvida.

São fundamentos importantes que compõem qualquer avaliação para desenvolver o planejamento. “Registrar. O registro permite recortar preciosidades. Capturar fragmentos do vivido. O olhar capturado ganha forma, permitindo materializar o vivido.” (SIMIANO, 2015, p. 60).

Portanto como já mencionamos, este artigo não é uma formação, é uma releitura de como funciona o método TEACCH, abrindo um caminho de possibilidades para contribuir com as crianças com TEA e com os educadores.

5 RECURSOS VISUAIS E A INCLUSÃO

Os recursos visuais são importantes e estão ancorados no método PECS que concede a comunicação alternativa por troca de figuras e o TEACCH destacado neste artigo, que foca na aprendizagem explícita das crianças autistas.

Temple Grandin deixou evidente no filme que sua aprendizagem acontece por informações visuais. “[...] sou diferente dos outros. Eu penso em imagens, eu as conecto.” (TEMPLE GRANDIN, 2010). Destacou que os recursos visuais são de extrema importância para aprendizagem, sem eles não conseguiria torna-se uma psicóloga, mestre, doutora em ciência animal e zootecnista. Nada melhor que uma pessoa autista evidenciar como funciona o cognitivo e aprendizagem dos TEA.

Utilizar os recursos visuais no ambiente da educação infantil, refere-se aos educadores fotografar os momentos propostos que a criança autista participa, para utilizar como recurso visual. Por exemplo: ir ao parque, refeitório, ouvir música, manusear a massinha, fazer leituras entre outros. A partir dessas fotos, será impresso com um tamanho pequeno para fazer a sequência da rotina por meio dos recursos visuais. É recomendado plastificar ou encapar com papel contact e atrás colocar velcro para ter mais durabilidade e ser acessível o manuseio da sequência. Deve permanecer na parede em frente as crianças para realizar a antecipação com todas e acontecer a inclusão, são questões que contribuem tanto com as crianças com TEA como as neurotípicas, visto que todas possuem ansiedade em participar dos momentos, a diferença é que os TEA são mais intensos com as emoções.

O educador precisa de outra sequência móvel, porque é importante esta estar junto com a criança, pois como já mencionado, a aprendizagem da criança autista acontece de forma explícita, então, sempre tem que estar lembrando-a do que fazer para que, no futuro, tenha autonomia.

[...] as estratégias visualmente apresentadas permanecem fixas, não desaparecem do campo visual, a não ser que sejam retiradas, proporcionam a possibilidade de [...] voltarem a olhar, revê-las, memorizá-las e estruturá-las mentalmente. (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 75).

Esta maneira ajuda a reduzir o comportamento indesejado, pois se a criança estiver no parque e for o momento da refeição, como o educador irá explicar para esta criança não verbal, que aprende por meio do concreto, que acabou o momento do parque?

O educador deverá aproximar-se da criança, mostrar a imagem do parque, apontar e falar “O parque acabou (pedir para a criança tirar a foto do parque ou virá-la). “Agora vamos fazer a refeição (aponta para a foto da refeição)”. Pronto, a criança já internalizou o que vai realizar, dificilmente terá resistências, só se estiver muito prazeroso o parque e ela não desejar ir, mas se acontecer, deverá mostra novamente a sequência, até ela compreender que mesmo divertido, ela precisa fazer a refeição. Claro que tem momentos que poderão ser flexíveis e outros não, pois para a criança com TEA é importante ter regras, porque possuem hiperfoco em permanecer em um ambiente que prejudica a interação e o desenvolver.

Dessa forma, quando mediamos com uma criança autista, toda demanda mencionada precisa ser cumprida, temos que ter cuidado no momento de propor algo, visto que se propor a demanda e a criança não cumprir, ela vai entender que quando o educador propõe algo, ela não precisa realizar, gerando problemas comportamentais.

Temple Grandin no final do filme agradece por todo o esforço que tiveram com ela. “A minha mãe [...] me fez ir à escola, aí na escola e em casa, modos e regras eram importantes. Foram colocadas para mim. [...] Essas coisas eram desconfortáveis no começo, mas me ajudaram a abrir as portas a novos mundos” (TEMPLE GRANDIN, 2010). Observamos que, neste momento, as regras também foram importantes para ela desenvolver-se.

[...] muito a aprendizagem explícita para compensar as dificuldades de aprendizagens implícitas. Vamos, de uma maneira muito enfática, trabalhar sob a forma de rotinas e regras. Quanto mais claro estiver para a pessoa com TEA [...] o que está sendo exposto para ser aprendido, aquilo que está sendo ensinado, [...] maior a chance que haja o aprendizado, e um aprendizado com significado. (LEON, 2016, p. 23).

Os recursos visuais possuem tipos de como manusear “Nesta sequência é utilizado quatro tipos básicos que são: período todo, parcial, primeiro-depois e uma atividade por vez.” (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 41). Nesse sentido, o educador terá que conhecer bem a individualidade da criança para identificar qual tipo de sequência facilita a compreensão.

Em o período todo, colocará todos os momentos que irão realizar naquele período. Em cada momento, a educadora mostrará o que realizar e após a criança colocará em uma pequena caixa do acabou. Se estiver no ambiente externo, o acabou pode ser no bolso do jaleco ou em outro que internalize, por exemplo, virar a imagem e atrás estiver escrito em caixa alta “acabou”.

O parcial acontece em partes, por exemplo, a sequência montada até a refeição, porém quando chegar nesta, monta-se os seguintes momentos. O primeiro-depois se classifica de dois em dois, por exemplo: “agora vamos ao parque e depois vamos para refeição.” E, por fim, possui a atividade por vez, “agora vamos ao parque”, coloca o parque no acabou e, após, adiciona o próximo momento. O educador precisa ter todos os recursos visuais daquele dia para ajustar conforme as necessidades.

É recomendado iniciar com poucas informações, pelo primeiro-depois ou uma atividade por vez para a criança conseguir assimilar o que está sendo proposto. Quando ela internalizar, deve-se aumentar a organização da sequência.

A criança tem que entender, fazer sentido para ela, por isso, torna-se viável iniciar com poucas informações para compreender a estrutura, conseguir generalizar as imagens com os lugares, objetos, pessoas e, assim, evoluir para o parcial e o período todo.

A compreensão não acontece de imediato, levará um tempo para a criança acostumar-se e internalizar o conceito, contudo, se a estrutura for utilizada também no ambiente domiciliar, a criança terá mais facilidade para entender o conceito e generalizar. Portanto os familiares precisam estarem presentes, pois no caso das crianças com TEA, quanto mais repetição, mais evolução.

Outro aspecto importante é sobre como organizar, de baixo para cima ou de cima para baixo. Vertical ou horizontal.

Na horizontal, a criança precisa movimentar a cabeça para ver toda a sequência. Já na vertical consegue ver toda a sequência sem movimentá-la e manter o foco no que é mais importante. À vista disso, o vertical de cima para baixo é o ideal para a melhor compreensão.

Clareza. Uma das coisas mais importantes no uso de um sistema visual é a clareza. [...] por exemplo: [...] uma imagem de um papel higiênico está sendo forte o bastante para sinalizar a criança a ação de ir ao sanitário? O uso de um cartão com muitas cores e brilhos [...] pode estar tirando a atenção do que é mais importante? [...] Se o suporte está sendo usado para indicar um conceito ou item, tenha certeza de que este é o único sinal indicado na imagem. (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 84).

Para o recurso visual ser evidente, compreensivo, nada melhor que a foto da criança, do cotidiano dela, não é mesmo?

As crianças possuem a fragilidade de auto identificar-se, logo, com o uso das suas fotografias, coopera para o seu desenvolvimento e o autoconhecer-se. Partindo da minha experiência com TEA, todos os recursos visuais devem ser do cotidiano da criança, as comidas,

as roupas, os ambientes, as brincadeiras entre outros. Esta condição facilita ainda mais a assimilação das crianças com TEA.

É importante direcionar para o conceito que a criança precisar entender. “Se você quer indicar uma “porta”, não há necessidade da imagem da casa inteira. Muitos autistas são hiperseletivos e podem fixar-se em outros aspectos da estrutura visual apresentada do que naquilo que realmente é importante.” (FONSECA; CIOLA, 2016, p. 84).

Faz-se lembrar de que a criança que não sabe ler, está imersa em um mundo letrado, por isso, em cima da imagem, precisa estar a descrição breve. Por exemplo: na foto do parque, escrito apenas “PARQUE” em caixa alta. Assim como a imagem necessita ser clara, a linguagem e escrita também.

As crianças com autismo são educáveis; as suas características de aprendizagem [...] específicas devem-se a deficiências cognitivas básicas no processamento de informações; os programas educacionais cuidadosamente estruturados podem, em parte, compensar essas deficiências, através de sequências especificadas de aprendizagem que visem o desenvolvimento e a intensificação de estímulo de reforço; os programas educacionais estruturados devem ser desde cedo iniciados [...] (CAVACO; NORA, 2019 *apud* FERNANDES, 2009/2010, p. 11).

Quando as metodologias são pensadas para aquele sujeito, que além do pensar, sejam concretizadas pela prática, tendo a interação com as outras crianças e participação das propostas, a inclusão está presente. Então, tem-se de pensar nesses quesitos, como está o desenvolvimento das propostas e metodologias? Está pensada naquela criança? Acontece a inclusão e interação entre os pares?

O conceito de inclusão [...] tem em conta [...] a modificação dos seus ambientes de aprendizagem. Dá a máxima relevância a uma educação apropriada, respeitando as capacidades e necessidades de cada um, como também tem em conta as características e necessidades dos ambientes onde as crianças interagem. Inclusão é querer que todos [...] aprendam juntos, respeitando as suas diferenças. (BRANDÃO; FERREIRA, 2013, p. 488).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo suscitou em função da minha prática pedagógica na educação especial, mais precisamente pelo conhecimento e a abordagem junto a uma criança autista por meio da utilização dos recursos visuais do método TEACCH. A partir da abordagem do método, constatei em loco grandes avanços, mesmo a mediação sendo tardia com esta criança.

Portanto o artigo em apreciação teve como objetivo precípuo fazer a apresentação do método, mostrar a viabilidade da sua abordagem na educação infantil com as crianças autistas, como também enfatizar a importância de estar presente nas instituições de educação infantil de forma que possa instrumentalizar os educadores para o trabalho com o TEA.

O artigo mostra as características e as principais peculiaridades do TEA, evidenciando a importância de a mediação acontecer precocemente.

Na fundamentação teórica, destacamos que as crianças com TEA possuem fragilidades e habilidades, porém necessitam de métodos e educadores capacitados para a intervenção.

Sabendo que a educação infantil é uma etapa importante na vida das crianças, seja elas neurotípicas ou atípicas precisam de aporte teórico que contemple a diversidade, do vasto universo das deficiências, respeitando a legislação da inclusão brasileira que lhe assegura o direito de estar, permanecer e desenvolver-se com os seus pares.

Desta forma, é notório a importância de conhecer o TEA, como também identificar métodos, estratégias que possibilitem a inclusão das crianças autistas na educação infantil de forma significativa.

Como foi citado no decorrer do artigo, umas das características da criança com TEA é o seu modo peculiar de ver o mundo, aprender e relacionar-se com os seus pares. Portanto, o educador precisa conhecer o autismo, compreender que a criança com TEA aprende de forma explícita e que existem recursos para potencializar, como os visuais, que são mediações que contribuem com a aprendizagem e o desenvolvimento.

Concluimos o artigo com a intenção de fomentar aos educadores e as instituições de educação infantil, formação continuada junto ao corpo docente, para atender com propriedade as crianças com TEA.

Os conhecimentos ainda são poucos acerca da temática do autismo e do método TEACCH, contudo temos a intenção de seguir a frente com os estudos, visto que o presente método possui poucos referenciais teóricos no Brasil, na área da educação, porque foi desenvolvido nos Estados Unidos.

Com este artigo, queremos instigar novas formações e novos pesquisadores sobre este assunto, no sentido de abrir caminhos e possibilidades para uma educação inclusiva de qualidade e que as crianças autistas sintam-se parte da educação infantil.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Maria; FERREIRA, Marco. Inclusão de Crianças com Necessidades Educativas Especiais na Educação Infantil. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 19, n. 4, p. 487-502, Out./Dez., 2013.
- BRASIL. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 mar. 2021.
- BRUNI, Ana Rita *et al.* **Cartilha Autismo e Educação.** São Paulo: Autismo e Realidade, 2013.
- FERNANDES, Salomé Frederica da Silva Neto. **A adequabilidade do modelo teacch para a promoção do desenvolvimento da criança com autismo.** 2009/2010. 61f. Pós-graduação em Educação Especial – Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Porto, Portugal, 2009/2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11796/796>. Acesso em: 15 mai. 2021.
- FLORIANÓPOLIS. **Diretrizes educacionais pedagógicas para educação infantil.** Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora Ltda, 2010. Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/12_05_2010_15.24.41.03c7e67bbe979ef30c2efe7d1db1468a.pdf. Acesso em: 28 mai. 2021.
- FONSECA, Maria Elisa; CIOLA, Juliana. **Vejo e aprendo: Fundamentos do Programa TEACCH®.** O ensino estruturado para pessoas com autismo. 2. ed. Ribeirão Preto, SP: Book Toy, 2016.
- INSTITUTO FAROL. **Estereotipia.** O que é isso? 2020. Disponível em: <https://www.institutofarol.com/post/estereotipia-o-que-%C3%A9-isso>. Acesso em: 12 mai. 2021.
- INSTITUTO NEUROSABER. **Transtorno do processamento sensorial no TEA.** 2020. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/transtorno-do-processamento-sensorial-no-tea/>. Acesso em: 12 mai. 2021.
- LEITÃO, Patrícia Batista. Transtorno do espectro do autismo na perspectiva do ensino estruturado. **Pedagogia em Ação**, v. 8, n. 2, p. 1-15, Edição Especial - Dossiê. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/12865>. Acesso em: 20 mai. 2021.
- LEON, Viviane. **Práticas baseadas em experiências para aplicação do TEACCH nos transtornos do Espectro do Autismo.** São Paulo: Memnon, 2016.
- LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de (Orgs.). **Livro de estudo: Módulo IV – Coleção Proinfantil.** Brasília: MEC. Secretaria de Educação

Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006. 88p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/mod_iv_vol2unid2.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

MORETTI, Isabella. **Decoração de sala de aula: confira 26 ideias encantadoras**. 2019. Disponível em: <https://casaefesta.com/decoracao-de-sala-de-aula/>. Acesso em: 13 mai. 2021.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas-SP: Papirus, 2000. p. 175-200.

PROCÓPIO, Renata; SOUZA, Patrícia. **Os recursos visuais no ensino-aprendizagem de vocabulário em língua estrangeira**. Repositório institucional UFJF, Brasil, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3238>. Acesso em: 25 Mai. 2021.

RIBEIRO, Angélica *et al.* Um olhar sobre a aprendizagem da criança autista na educação infantil. **Revistascire**, v. 14, n. 01, 2018. Disponível em: <http://www.revistascire.com.br/artigo/2018/FEVEREIRO/RevistaScireFevereiroOlharAprendizagemCriancaAutistaEducacaoInfantil.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2021.

SILVA, Élide Cristina Santos da. **A prática pedagógica da inclusão educacional de alunos com autismo**. 2011. 167 f. Dissertação – Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9684/1/%C3%89lida%20C.%20Santos%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2021.

SIMIANO, Luciane Pandini. **Colecionando pequenos encantamentos... A Documentação pedagógica como uma narrativa peculiar para e com as crianças bem pequenas**. 2015. 134f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117784/000968704.pdf?sequence=1&isAllowed=1>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SIMIANO, Luciane Pandini. O processo de documentação pedagógica e a tessitura de narrativas na creche: entre fios e desafios. In: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED, 24 a 17 julho, 2016, Curitiba. **XI ANPED SUL**. Curitiba: UFPR, 2016. p. 1-18. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-5_LUCIANE-PANDINI-SIMIANO.pdf. Acesso em: 20 mai. 2021.

SIMIANO, Luciane Pandini; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; SILVA, Clara Maria. Marcas de uma pedagogia tecida nas relações: documentação pedagógica como narrativa da experiência educativa na creche. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 200-217, maio/ago. 2018.

TEMPLE GRANDIN. Direção: Mick Jackson. Produção de Scott Ferguson. Estados Unidos, 6 de fevereiro de 2010. HBO.

AGRADECIMENTOS

Deus jamais tirou os olhos de você. Nem tampouco deixou de escutar suas orações.
(Padre Fábio de Melo).

É com grande alegria que caminho para concluir esta graduação. Meu coração está cheio de gratidão. Gratidão por *Deus*, por ter permitido chegar até aqui, ele esteve e está presente em todos os momentos da minha vida.

Gratidão pela minha mãe, *Zuleide Simão Cardoso*, que com honra dedico este artigo a ela. Mulher forte e guerreira, a qual me mostrou que o estudo é a maior riqueza que posso obter. O sonho dela era formar-se e ver-me formando e, graças a Deus, estou caminhando para realizá-lo. Mãe, obrigada por ter me incentivado mesmo quando estava desanimada, por ter acreditado em mim. Obrigada por você ser exatamente assim, como você é, o meu orgulho, a minha admiração e inspiração.

Agradeço ao meu namorado, *Júnior Alves*, que esteve desde o início ao meu lado, incentivando-me e que em meio as minhas ideias, projetos, estava junto para me ajudar a realizar.

Aos meus patrões, *Michel Ghisi Callegari* e *Analice Porto dos Santos Callegari*, que desde o início confiaram em mim, no meu trabalho e deram-me oportunidades para contribuir e ampliar o meu conhecimento em questão ao autismo. E, em especial, ao *João Santos Callegari*, o menino autista que faço a intervenção há quatro anos, se não fosse ele, este trabalho não teria se concretizado. Ele me mostrou o que é o autismo, como é a melhor forma para mediar e como aprende.

Agradeço, também, a *Sinara Paniagua* e *Carolina Klippel Almeida* da Clínica Multiprofissional Viva Bem, que acompanham e supervisionam a minha mediação com o *João Santos Callegari*. Trabalhamos em equipe e elas foram primordiais para o aprimoramento da minha prática com o autismo. E a minha colega *Giane Demo*, que ampliou ainda mais o meu conhecimento em relação ao método TEACCH.

Às minhas colegas, *Adrian Bardini*, *Esther Mariano*, *Josiane Rodrigues* e *Irmã Maria do Socorro*, todos os trabalhos em grupo, estávamos sempre juntas. Cada uma possui um lugar especial em meu coração.

Em especial a *Josiane Rodrigues*, que foi a minha dupla de todos os estágios, a nossa parceria sempre deu muito certo e sou extremamente grata por isso.

Aos excelentes *professores* do curso de *pedagogia* que caminharam junto comigo nesta jornada, mostrando que não basta ser apenas professor, precisa doar-se de corpo e alma com muito amor e dedicação, assim como fizeram ao longo desta graduação. Tornaram-se meus exemplos de profissionais da educação!

À minha orientadora professora Jacira Medeiros, que foi primordial para a concretização deste artigo, ela veio para completar, para somar e cooperar ricamente por meio do seu lindo e admirável trajeto como profissional da educação especial. Ela confiou no meu potencial e mostrou-me que eu era capaz. Ela dedicou-se, teve cuidado e afeto. Gratidão professora, nesta caminhada, você tornou-se a minha inspiração para a educação especial.

E, assim, finalizo esta jornada para abrir novas portas, gratidão a todos que cruzaram o meu caminho e contribuíram de alguma forma.

Meus sinceros agradecimentos!